

## A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *BALAIO DE BUGRE*, DE HÉLIO SEREJO

Mara Regina Pacheco<sup>1</sup>  
Leoné Astride Barzotto<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é pesquisar a manifestação da construção identitária na obra *Balaio de Bugre* (2008) do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, onde se encontra figurada a construção de uma identidade multicultural a partir do “caldo” cultural transfronteiriço, produto da associação entre as culturas brasileira, paraguaia e guarani, bem como dos migrantes presentes na região, relatado nos contos, causos, crônicas, relatos, poemas e demais textualidades da obra do escritor sul-mato-grossense, tentando compreender o conceito de identidade e de identidade sul-mato-grossense como uma construção histórica, cultural e discursiva. Dessa forma, entendemos que na obra de Serejo não aflora a imagem de sujeitos “típicos”, isto é, portadores das características da construção de uma tradição idealizada (sempre, de algum modo, inventada), mas aflora um sujeito híbrido em suas práticas sociais multiculturais. Percebemos como característica dessa produção “regional” de Serejo, a extrapolação do local, por meio do diálogo regional/universal, bem como pela mistura de culturas ali presentes. Essa maneira peculiar de se relacionar com os hábitos e com os costumes da fronteira extrapola a carga imagética local, uma vez que essa relação que indica dado comportamento cultural, essa interação com o meio permite a reflexão sobre os elementos: homem/terra, homem/cultura, homem/homem, culminando no relato históricoficcional, cujo registro se dá por meio de uma literatura híbrida e marcada culturalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção identitária; *Balaio de Bugre*; Hélio Serejo.

**ABSTRACT:** This article aims at researching the identity construction manifestation in *Balaio de Bugre* (2008) written by the author from Mato Grosso do Sul, Hélio Serejo. In his book there is the metaphor of multicultural identity construction based on the borders melting pot, which is the product and association among Brazilian, Paraguayan and Guarani cultures, as well as all the immigrant forces common in the region that are related in his short stories, stories, chronicles, reports, poems and other forms of textuality; trying to understand the concept of identity and identity from Mato Grosso do Sul as a historical, cultural and discursive construction. In this way, we see the book as a representation of ordinary men, we mean, men who do not stand for idealized tradition (always, by some mode, invented); we focus on the view of the hybrid subject in his/her social and multicultural practices. Then, we retrieve as a ‘regional’ production of Serejo the mark of local expansion through the dialogue between regional/universal, incorporated by the mixtures of cultures which are revealed in his writing. This peculiar way of getting in touch with borders habits helps to expand the imagetic of local once this relation indicates such a cultural behavior, the interaction of the environment allows the reflection about some elements: man/land, man/culture, man/man, and all these elements reach their climax through the historical-fictional whose registration is given by a hybrid literary text that is also cultural marked.

**KEYWORDS:** Identity construction; *Balaio de Bugre*; Hélio Serejo.

<sup>1</sup> Mestranda do PPG em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Co-autora e orientadora de Mestrado. Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFGD.

## 1. Introdução

A produção literária completa do escritor Hélio Serejo acaba de ser reunida e reeditada pela Academia sul-mato-grossense de Letras, estando agora disponível ao público em geral e aos estudiosos do caráter humanista e histórico da fronteira BrasilParaguai. Desta obra completa, escolhemos para análise *Balaio de Bugre* (2008). O recorte, nessa obra em particular, justifica-se por nela estar embutido um pouco de tudo: crônicas, relato histórico, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária, provérbios, orações, credices, ditos populares, palestras, verbetes sobre hábitos, alimentação, superstições e outros que caracterizam um verdadeiro ‘balaio de bugre’.

Logo no início do livro, há uma fala de Serejo explicando o motivo do título. De acordo com o escritor, as suas andanças pela região do Sul do Mato Grosso, acompanhando o pai, Dom Serejo, em peregrinação devido à atividade ervateira, o fez conviver com os bugres e observá-los na vida cotidiana, tanto na lida com a erva quanto nos seus momentos de lazer e descanso. Um fato chamou-lhe a atenção em particular: sempre havia um balaio velho, feito de lâminas de taquara, ao lado de um bugre. Esse fato fez com que ele nomeasse a obra como *Balaio de Bugre*. E o que há no balaio do bugre? Aquele objeto estimado com o qual os “bugres”<sup>3</sup> estavam e estão sempre “atracados”? E o autor explica:

Qual o seu conteúdo? Quase incrível isto: atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel-de-linha, lenço de chita, pedra de isqueiro, colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arar, unha de gavião, dente de onça e mil e uma bugigangas (SEREJO, 2008, p. 93).

Serejo ressalta ainda a importância do balaio para o bugre: “Bugre briga e morre para defender o seu balaio. Tem-lhe estima imensa. É jóia preciosa que a natureza lhe deu” (idem). A ideia do Balaio vai ao encontro da presença multicultural na escrita de Serejo, pois não só seu “balaio” tem um pouco de tudo, como também esse tudo vem recheado da mistura histórica de nacionalidades, classes sociais, identidades e origens. E o que o leitor encontrará no balaio de Serejo? Nada mais, nada menos que noventa e três subtítulos dos mais variados temas e assuntos ligados à região da fronteira Brasil/Paraguai.

Para citar alguns deles: “Gratidão de caboclo”; “Mocinha d’Oeste”; “Pampa Bravo”; “Guasquiando”; “Ditos e crioulisto”; “Crendice”; “A índia de olhos de fogo”; “Folclore”; “Cavalgada típica mato-grossense”; “Um pouco sobre os índios”; “Os quilniquinaus”; “Os xamacocos”; “Os araés”; “Os guaicurus”; “Provérbio”; “Chimarrão”; “O uirapuru”; “Palavras do prosador crioulo”; “Poronguito”; “Pelos meandros do

---

<sup>3</sup> O vocábulo “bugre” é usado como simples apelo e/ou referência aos termos usados na obra de Hélio Serejo, com ausência total de nossa parte ao sentido pejorativo que ele apresenta em alguns lugares do Brasil em relação ao indígena. O nosso foco é analítico-cultural e não analítico-discursivo.

nativismo”; “Mirando a tarde crioula”; “Cepo crioulo”; “Carapiá” e outros. Esse é um pouco do conteúdo que recheia o balaio de Serejo.

No livro *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1981), Elpídio Reis menciona que, na obra *Balaio de Bugre*, Serejo reuniu o que viu e o que ouviu do próprio bugre (o caboclo) mato-grossense, peão, vaqueiro, sertanista, campeiro, caçador de onças, pescador, lavrador, “gaudério”, cigano, cuja única riqueza material cabia toda dentro de um balaio. E que riquezas, afirma:

Por essas ‘porcariazinhas’ o bugre dá a vida, e mata também se for necessário. Por que elas simbolizam uma riqueza espiritual, cultural, poética muito mais valiosa, mais antiga, mais forte, mais duradoura, mais superior: a riqueza das tradições, dos usos e costumes em que o homem e a terra formam uma unidade sólida, ligados à natureza, como se fossem um só. Uma pena de gavião pode representar mil lendas heróicas e a semente de abóbora é remédio, é chá, é amuleto, é panacéia, é vermífugo, é proteção contra o mal olhado, é riqueza de imaginação. ‘Que é? Que é? Planta-se tábuas, nasce corda?’ – é a própria abóbora, cuja semente parece uma tabuazinha, mas plantada, dá nascimento à rama comprida como corda, de abobadeira, que se estende e frutifica pelo chão. De galpão em galpão, num rodeio de saudade ouvindo as abusões de Mato Grosso e outras terras, cantando versos da madrugada ao som da viola sertaneja, ou rezando as contas do rosário, lembrando estórias da Guerra do Paraguai [...] (REIS, 1980, p. 127-8).

Essa riqueza multicultural presente na obra necessita do aprofundamento de estudiosos da área, para que dela sejam extraídas todas as suas peculiaridades para serem compartilhadas com a academia nacional, e por que não afirmar, mundial, dada a relevância de seus aspectos que remetem a um local/global que são intrínsecos à obra. Esse aspecto se confirma ao perceber que Serejo não trata de um regionalismo local restrito à divisa Brasil/Paraguai somente e sim de um fenômeno maior que abarca todo o contexto da América Latina em si. De acordo com Hall (2003, p. 45-6), atualmente o “local e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é a condição de existência do outro”. Esse fenômeno, descrito por Hall, assegura teoricamente o que encontramos em Serejo, uma miscelânea de temas e assuntos que extrapolam uma carga imagética local. Cabe a nós, pesquisadores das Letras e da Literatura, tomarmos o “balaio” de Serejo com tal estima e preciosidade que os bugres têm pelos seus próprios balaios. Esse é o nosso propósito: o de descobrir todas as preciosidades desse balaio e partilhar com a academia e com os demais interessados nessa área.

## 2. A diáspora e suas implicações

Sabemos que o fenômeno da diáspora mexe com as questões centro/periferia e que, diante da crise de “centralidade” vivida pelo Ocidente, nós, pesquisadores da América Latina contemporânea, temos procurado repensar a questão da identidade, do hibridismo, da mistura. Como afirma Bella Jozef (2005, p. 117), “a busca de identidade levou à configuração de um *corpus* múltiplo na condição multi e transcultural de uma

literatura.” Serejo, em sua obra, permite lançarmos esse olhar para aquilo que Jozef aponta, uma vez que o autor, com sua capacidade de ouvir e observar, recolhe, nos subtítulos do livro, o acervo da tradição e da cultura desse povo que se constituiu na fronteira Brasil/Paraguai.

Serejo contempla nas suas obras a diáspora, sobretudo de gaúchos e paraguaios, como força de trabalho para a exploração ervateira da região de fronteira, bem como relatos e registros do próprio autor, uma vez que nasceu e viveu nesse chão, revelando, desse modo, a imensa riqueza das vivências de seus habitantes, expostas nas informações detalhadas sobre os usos, os costumes, o trabalho e o lazer dos fronteirões, contribuindo, assim, com a formação da construção identitária desse povo.

Sabemos que a diáspora é, geralmente, um trauma coletivo de um povo que (in)voluntariamente sai de sua terra de origem para viver em um lugar desconhecido. Esse fenômeno implica deslocamentos, realinhamentos, que geram termos peculiares de estudo. Dentre eles, podemos citar: hibridismo, alteridade, identidade, transculturalidade e entre-lugar. Todos esses requisitos estão presentes em *Balaio de Bugre*. Maria Aparecida Santilli cita Hommi Bhabha ao dizer que:

Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA in SANTILLI *apud* ABDALA JUNIOR, 2004, p. 293)

Essa afirmação de Bhabha vai ao encontro da discussão de “entre-lugar” levantada por Silvano Santiago (2000), como: um lugar de eterno conflito entre civilizador/civilizado, opressor/oprimido, colonizador/colonizado. Ou seja, esse “entrelugar” está “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão e agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (p. 26), é o local do vazio, da clandestinidade. Esse ‘entre-lugar’ é figurado na obra de Serejo, em que novos signos se instauram numa inovação característica da mistura, do híbrido, na construção de uma identidade que surge da miscigenação dos povos: paraguaio/brasileiro/guarani. O “entre-lugar” reconfigura as noções de centro/periferia, desarticula processos entre cópia e simulacro, ou seja, balança pilares antes fixos, fazendo com que apareça porosidade onde não existia, exigindo realinhamentos de pensamentos e comportamentos.

Na obra, estão representados, em primeiro plano, paraguaios, índios, caboclos, gaudérios e a cultura ligada aos trabalhadores ervateiros. Podemos observar toda essa mistura identitária no conto “Chimarrão”, em que temos a figura do gaúcho já presente em terras mato-grossenses, introduzindo sua cultura às novas terras desbravadas:

O gaúcho ou o mateador inveterado de outros pagos, saúda a madrugada, com a cuia de mate na mão. A velha mãe gaúcha ou o índio gaudério, na roda do amargo bem cevado, entropilham as lendas e causos, ensinando as crianças e aos maiores a vivência passada, o respeito às tradições, o bemquerer aos pagos crioulos e o amor à Pátria. (SEREJO, s.d., p. 75-76)

Nesse pequeno trecho, já se pode perceber a riqueza multicultural a ser explorada na obra de Hélio Serejo, na qual detectamos ícones relevantes ao nosso estudo, como: o gaúcho, o índio, o mate, as lendas, os causos, as tradições. Também o autor aborda o ciclo da erva-mate, descrevendo os costumes, práticas e histórias que giram no entorno das plantações. Desse modo, o enredo da obra gira dentro desse mundo, do ciclo da erva mate, do folclore, dos mitos e credences da região, e tudo o que é ligado ao povo, à história, à cultura, à economia e à política dessa gente, bem como um pouco de sua fauna e flora.

Encontramos em Stuart Hall (2003), uma frase esclarecedora em relação à situação de diáspora: “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (p. 27). Ou seja, das culturas mistas e diaspóricas surgem os híbridos, os múltiplos, que são a lógica cultural da tradução. E, segundo Hall, “essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial” (p. 74). Esse é o caso da obra que escolhemos para o estudo, por ser o caso de uma literatura de margem, de fronteira, de um espaço sociocultural denominado América Latina.

### 3. Hibridismo e transculturação

O fenômeno das migrações e deslocamentos implicam muitos movimentos, gerando infinitas consequências: hibridismo, mestiçagem, aculturação, desculturação (esses dois últimos de cunho negativo) e transculturação (positivo), cunhado por Fernando Ortiz (AGUIAR e VASCONCELOS *apud* ABDALA JUNIOR, 2004, p. 88), em oposição aos dois anteriores. Segundo ele, a transculturação é o que define o processo de transição de uma cultura a outra, já aculturação e desculturação significam perda, desligamento da cultura original.

O termo que tem sido usado para descrever culturas cada vez mais mistas e diaspóricas é hibridismo. Segundo Hommi Bhabha (1997), hibridismo significa:

Momento ambíguo e ansioso de transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo [...] as dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade, as disjunções de poder ou posição a serem contestadas; os valores éticos e estéticos a serem ‘traduzidos’, mas que não transcenderão incólumes o processo de transferência. (BHABHA *apud* HALL, 2003. P. 75)

A obra de Serejo apresenta exatamente isso: relatos de uma região que vivia um processo de reestruturação no pós-guerra do Paraguai e constituição de um novo Estado (o Mato Grosso do Sul), juntamente com inúmeras outras dificuldades pelas quais passaram essa gente. O tom memorialístico da obra também serve de pilar para a identificação de uma nova identidade em formação, a identidade de um povo que se constrói, que se articula, que na convivência, no contato, se rearticula. O escritor sul-mato-grossense, ao contar a história de cada um, conta também a história coletiva dessa gente, uma vez que, como afirma Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1950), não

existe memória individual, apenas memória coletiva, porque, para ele, a memória, por mais particular que seja, remete a um grupo. Ou seja, o indivíduo leva consigo a lembrança, porém, está em constante interação com a sociedade, seus grupos e instituições, e é exatamente nesse contexto de relações que construímos as nossas lembranças.

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos do qual pertencemos, de modo que está sempre impregnada das memórias dos que nos rodeiam; mesmo que não estejamos na presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos circunda se constituem a partir desse emaranhado de experiências, criando uma percepção de unidade que parece ser só nossa. Segundo Halbwachs, as lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina “comunidade afetiva”, do qual dificilmente nos lembramos fora desse quadro de referências. Assim posto, tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o “outro” tem um papel fundamental.

Ou seja, uma pessoa não é capaz de lembrar todas as coisas com precisão, necessitando de rememorações advindas de outros, torna-se, desse modo, um fio que se constrói conjuntamente, a várias mãos e em diversas lembranças interconectadas. A construção da identidade sul-mato-grossense é representada no tecido narrativo que Hélio Serejo constrói ao escrever.

Segundo a conhecida frase de Montaigne, “um homem distinto é um homem misturado” (GRUZINSKI *apud* ABDALA, 2005, p.12), a riqueza está exatamente aí, nessa mistura de homens, hábitos e culturas onde afloram as mais diversas imbricações representadas na obra de Serejo. Para citar Glissant, diríamos que o “mundo se crioualiza” (BERND *apud* ABDALA JUNIOR, 2004, p. 102), mesmo usando a frase no contexto caribenho nos anos 80, referindo-se ao conceito de crioulização que abarca e ultrapassa o de americanidade como desafio de colocar em ordem a comunhão “das diversidades humanas que não têm necessidade de renunciar ao que elas são” (CHAMOISEAU, 1997, p. 203). O conceito de crioulização para Glissant é o que acontece no momento do choque, do confronto, do embate. Visto desse modo, aceitar a crioulização é renunciar a qualquer ideal de pureza, e o que percebemos é que no encontro de diferentes culturas, devido à situação de diáspora, os seres tornam-se cada vez mais mestiços, mesclados, e essa talvez seja uma consequência que não há mais como refutar. Serejo usa em vários dos subtítulos do balaio o termo crioulismo: “Ditos e crioulismos”; “Palavras de um prosador crioulo”; “Mirando a tarde crioula”; “Cepo crioulo”. Infinitas são as definições e explicações do termo crioulismo, como podemos ver em Magdala França Vianna, no artigo “Crioulização e Crioulidade”, mas não nos deteremos aqui a essas diferenciações, devido à extensão e à profusão de debates, preferimos nos reter na assertiva de Vianna quando profere:

*A Crioulização, segundo Glissant, fundamenta-se no princípio de que o ser humano não é uma identidade absoluta, mas um sendo/estando movente (étant changeant) em processo perpétuo, produzindo identidades inclusivas e impregnando de novas linguagens ethos diversificados (VIANNA apud FIGUEIREDO, 2005, p. 114).*

A literatura híbrida é constituída de narrativas híbridas, processo que faz parte da reinvenção de uma identidade cultural, uma vez que, para cada herança histórica cultural, há uma cultura inerente a ela.

Nos contos e poemas de Hélio Serejo, escritos com a sensibilidade de quem se fez poeta na observação da vivência cotidiana dos trabalhadores fronteiriços, ganham primeiro plano paraguaios, índios, caboclos, gaudérios e a cultura ligada aos trabalhadores ervateiros. Podemos observar toda essa mistura identitária em *Balaio de Bugre 2*, ainda no conto “Chimarrão”, já citado acima, em que a figura do gaúcho chega às terras mato-grossenses, introduzindo sua cultura às novas terras desbravadas:

O mate-chimarrão é o companheiro inseparável do gaúcho, do vaqueiro, do campeiro, do cruzador de caminhos, do índio faceiro, bem pilchado, da china amorosa e apaixonada, do piazote atrevidado e disposto e das velhas gaúchas, imagens imperecíveis, da terra bravia e do crioullismo (SEREJO, s. d., p. 75).

O trecho é representativo das diferentes figuras retratadas em Serejo, e do crioullismo que acaba sendo a mistura de tudo isso. Também Serejo aborda o ciclo da erva-mate, descrevendo os costumes, práticas e histórias que giram nas plantações, do ciclo da erva mate, do folclore, dos mitos e credices da região, e a tudo o que é ligado ao povo, à cultura, à história, à economia dessa gente, bem como um pouco de sua fauna e flora. A visão de Serejo, entretanto, presente textualmente em suas obras, é menos política e mais cultural, compreendendo as identidades não a partir de uma ideologia única, mas a partir das perspectivas culturais dos sujeitos ali representados.

Hélio Serejo e sua obra abrem um grande leque de perspectivas para os Estudos Culturais e Literários do nosso Estado. O vínculo entre os estudos literários e culturais se produz incentivado por um projeto de renovação da formação acadêmica em Letras e Humanidades. Os estudos culturais examinam suas matérias em termos de práticas culturais e suas relações com o poder, tendo como objetivo compreender a cultura em toda a sua complexidade, analisando os contextos político e social, lugares onde se manifesta a cultura. O equilíbrio entre alta cultura e as culturas minoritárias ditam os rumos dos estudos literários/culturais.

Sob essa perspectiva, visualizamos em Hélio Serejo vários ícones relevantes a serem analisados, envolvendo a teoria dos estudos culturais presentes em Culler, Carvalhal, Bhabha, entre outros.

O fenômeno da transculturação, termo cunhado por Fernando Ortiz em 1940, envolve um processo sempre em movimento no contato entre dois povos e suas específicas culturas, designando:

As fases do processo de transição de uma cultura a outra, já que este não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, como sugere o sentido estreito do vocábulo anglo-saxão, aculturação, mas implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desculturação, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser

denominados neoculturação. [...] No conjunto, o processo é uma transculturação e este vocábulo compreende todas as fases trajetórias (ORTIZ, 1983, p. 90).

Chamamos de transculturação o fenômeno no qual as partes envolvidas acabam transformadas num processo constante e cambiante, e isso percebemos no “balaio” de Serejo: o encontro de diferentes povos, de culturas diversas, que, ao entrarem em contato, se misturam, se miscigenam, num processo de permeabilidade que fazem surgir algo novo, algo traduzido e, por que não dizer, transculturado. Certamente houve um processo de colonização dessa região, aculturação e desculturação de aspectos de cada povo em particular. Porém, preferimos pontuar o aspecto positivo desse encontro de díspares que, ao se tocarem e conviverem, contribuíram positivamente num processo transcultural que deu origem ao que podemos hoje chamar de uma identidade sul matogrossense. É importante mencionar aqui que uma obra tem o poder de “registrar”, “congelar” uma identidade “presente” naquele determinado momento, uma vez que, com o passar do tempo, ela vai se transformando em outra. Podemos afirmar que Serejo, no caso da obra em estudo, “fotografou” em palavras a identidade do erval.

#### 4. Tecendo a construção de uma identidade

Eu sou filho da ‘jungle’, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira da estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada [...] Sou misto também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo (SEREJO, 1973 *apud* REIS, 1980, p. 16-17).

Essa afirmação mostra o indivíduo diaspórico, quando diz que veio de longe, que é um “cruza-campo”; mostra também um ser globalizado, ao usar as expressões “*jungle*”, “trota-mundo” e “cria” de todo os galpões da terra. Serejo, com a sua sensibilidade de poeta, seu olhar de observador, como todo escritor “diferenciado”, foi capaz de ver além, de perceber no seu mundo local um fenômeno maior, sem o mesmo ainda ter sido concebido, como hoje o reconhecemos (globalização). Um escritor maior se faz ao ser capaz de retratar seu mundo local (o mundo do erval, da fronteira, no caso de Serejo) verossimilhante ao mundo global, universal, que, de certo modo, apresentam os mesmos tipos de mazelas, problemas e dificuldades. Serejo retrata no *Balaio* a diáspora, o encontro de diferentes culturas, a mistura multicultural advinda desse contato, bem como as pressões político/econômicas das regiões subdesenvolvidas. Ao fazê-lo, cristaliza o “seu mundo” verossimilhante à história de todos os povos que viveram no subjugo das mesmas pressões e situações de pobreza e submissão. Nesse aspecto, cabe citar a questão da “cor local”, que se refere ao embate sociocultural entre povos, nos confrontos e adaptações que esse contato implica. Ao tratar dos elementos da “cor local” em Hélio Serejo, Leoné Barzotto (2010) argumenta:

Portanto, na literatura, é típico da cor local trazer evidências que configuram um determinado grupo de pessoas ou um determinado espaço geográfico ou, ainda, ambos. Dentro dessa perspectiva, a literatura de Hélio Serejo é permeada por marcas culturais que podemos compreender como elementos da cor local



sul-mato-grossense, uma vez que esse autor carrega a tinta de sua caneta para proficuamente delinear os atributos de seu povo e de seu estado.

Em acréscimo a esse trecho, poderíamos citar Bhabha (1998, p. 65), quando afirma que: “Nenhuma cultura é unitária em si mesma”, o que autoriza a dizer que Serejo é um verdadeiro ‘balaio de bugre’, uma vez que sua obra em proposta de estudo não é unitária em si mesma, muito pelo contrário, é uma miscelânea multifacetada de diversos ícones. Hall colabora, quando afirma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia [...] à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. Ainda nesse autor vemos que a identidade esta sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 13).

Também de acordo com Hall (1999, p. 70), o fenômeno da globalização interfere diretamente na visão ou conceitualização de identidade cultural e sua consequência, enquanto ‘plurarização’ de identidades, coloca-se diante do jogo de identidades. Esse ‘jogo’ se dá porque muitas vezes as identidades são contraditórias ou se cruzam mutuamente, pois nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única.

O sujeito pós-moderno tem essa identidade cambiante, em constante transformação. Essa afirmativa é assegurada por Hall:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 1999, p.13)

Segundo Culler (1999, p.51), “O trabalho, nos estudos culturais, se harmoniza particularmente com a problemática da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas”. Na obra de Serejo, encontramos essa identidade em formação, essa mistura que veio a ser o povo sul-matogrossense, a mistura do caboclo, do campesino, do sertanejo, do andarilho, do indígena, do peão, do migrante, constituindo desse modo o peso da memória, o registro da formação dessa gente. Homens comuns, figurados como protagonistas na obra, fazendo o papel de dignos representantes, pilares para a construção de uma identidade, a identidade de uma comuna

cultural que acaba de nascer. O que Serejo faz aflorar em suas obras vai ao encontro do que Pablo Rocca (2005) entende como comarca cultural:

Nadie, sensatamente, podría pensar lo contrario em las líneas generales de una cultura que, evidentemente, tiene concordancias comunes. [...] Sabemos de sobra que las historias nacionales de la cultura han defendido la idea de que vivimos una experiencia insular de la temporalidad, cuando un poco de distancia nos permite apreciar que vivimos en temporalidades simultaneas (ROCCA, 2005, p. 154-155).

Serejo, ao relatar a história de cada um, relata também a história da região e vice-versa. Quando fala de si próprio também dá pistas da sua formação. Para dar como exemplo, podemos citar o subtítulo 52, denominado “Palavras do prosador crioulo”,

Eu sou homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou homem fronteiriço que, na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento [...] Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distancias perdidas. (SEREJO, 2008, p. 150)

Esse trecho marca o *locus* ao qual o escritor pertence: a fronteira Brasil/Paraguai. Ainda, revela todas as características específicas dessa região, como os ervais, os barbaquás, os urus, os bailezitos etc. Para melhor tratar do quesito linguagem, abrimos, na sequência, um subtítulo para abordar esse aspecto mais detalhadamente.

## 5. O aspecto da linguagem como marca de uma identidade

Serejo escreveu com a sensibilidade de quem se fez poeta na observação da vivência dos trabalhadores fronteiriços (paraguaios, índios, caboclos, gaúchos), personagens de uma história de sofrimento e exploração, sobretudo da produção de ervamate no nosso estado.

Encontramos, na obra em estudo, poemas, glossários, expressões regionais, folclore, crendices, remédios caseiros e outros perfazendo uma verdadeira miscelânea de assuntos. Para citar alguns, destacamos: O glossário está presente nas duas obras nos volumes 1 e 2. Em *Balaio de Bugre I*, nas páginas 48-49, aparece: “[...] REIÚNO, ou *reuno*, na fronteira Brasil/Paraguai, é o animal sem dono, desconhecido de todo, que aparece nas fazendas[...]”; ou ainda, na página 141, a definição de: “[...]BARBACUAZEIRO - peão que trabalha no ‘barbacua’. Desempenha papel importantíssimo numa ranchada ervateira. É o ‘homem-chave’ para se conseguir um produto de excelente qualidade”. As expressões regionais podem ser encontradas nos dois volumes, sendo que, no segundo, à página 15, encontramos: “[...] Alegre e assanhado como sapo em dia de chuva. Faceiro como ganso novo. Divertido como moça solteira em festa de batizado”. O folclore é também ricamente encontrado como, por exemplo, no

volume 2, à página 33: “[...] Mulher preta no folclore é coisa gozada, muito divertida mesmo: é resto de incêndio, noite sem amanhecer, espantalho de passarinho cantador, rolo de fumo mal trançado, perfume de suvaco e remorso de lampeão apagado[...]”.

As crendices são também fartamente pontuadas em *Balaio de Bugre 2*, como, por exemplo, à página 15: “Quem tocar flauta de taquara na noite de Natal será bafejado pela fortuna: encontra facinho tesouro enterrado”. E, ainda, à página 54: “Quem parar, ao meio-dia em ponto, numa encruzilhada, e fizer no chão com o pé esquerdo um “X”, afugenta todos os males que o atormentam”. Os remédios caseiros aparecem também nos dois volumes em questão. No primeiro, à página 117, encontramos: “[...] Bugre sabe que ‘carapiá’ tem um nome sagrado: ‘milagre de Deus’ – com essa planta se cura qualquer enfermidade de estômago ou intestino. Principalmente intestino. Doente ‘quase morto’, com complicações nas tripas, fica curado, rapidamente com o uso da ‘milagre de Deus’[...]”; já no segundo volume, à página 93, encontramos a cura para o bôcio: “[...] Chá de cipó-imbé, tomado à beira de uma água corrente, é remédio que não falha nunca. A planta denominada ‘capa-homem’ é remédio que cura de verdade [...]”.

E, assim, vamos lendo Hélio Serejo e encontrando as mais diferentes riquezas prontas a serem vastamente analisadas, como é o intuito ao qual este trabalho se propôs. Barzotto reporta, em seu artigo *Violência e resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique*, acerca da marca estilística da língua demarcando um *locus* de enunciação, quando afirma:

A língua é muito mais que um recurso poético ou um estilo do autor, é acima de tudo, um instrumento de luta, de sobrevivência, de garantia de posteridade [...]. Por meio do que constitui a língua escrita pós-colonial, torna-se possível, portanto, o registro da história, um alerta aos homens, um documento literário sobre os acontecimentos de seu povo, suas experiências sociais e históricas, sua etnia; enfim, a formação de sua identidade cultural, enquanto sujeito e parte da nação. (BARZOTTO, 2008, p. 308)

Em *Balaio de Bugre*, o *locus* de enunciação é claramente marcado em toda a obra, exibindo com riqueza termos gaúchos, como: guampa ou guampo (copo feito de chifre de gado usado para colocar a erva-mate, preparar o chimarrão ou tereré), chinoca (mesmo que moça, mulher bonita), pilchado (paramentado, vestido); termos guaranis: *patrón* (patrão), *Diós* (Deus), *gracias* (obrigado); termos ligados aos bugres e índios: *tuxaua* (líder da tribo, cacique), *areotorare* (tribo indígena do Norte do Estado de Mato Grosso), *mitã-i* (menino que presta serviços nas ranchadas ervateiras); e termos ligados à extração da erva mate: *tini* (primeiro corte das folhas da erva, feita logo ao clarear do dia), *topitá ou topuitã* (corte de folhas da erva que ficou para o dia seguinte, ato desmoralizante para o ervateiro), *tapiy* (rancho). Para citar mais especificamente, o subtítulo denominado “Pelos meandros do nativismo” (Vol. VII, p. 175-176), traz termos, como: lestada (vento forte do leste); banhadento (charco, lugar que se deve passar com cuidado); bombiar (olhar para o tempo para ver se vem chuva ou não); pororoca ou capororoca (árvore de madeira não nobre, inferior); embeleco (aquilo que cativa, atrai); *boiguaçu ou mbóiguassú* (cobra grande em guarani); *cauíra ou cauíla* (avarento, mesquinho), entre outros. Também em “Os vocabulários dos ervais”, temos a definição de vários termos como: *raído* (carga de folhas que o ervateiro traz às costas); *tape-guaçu* (estrada maior da

ranchada ervateira, por onde trafegam os caminhões); *tapê-hacienda* (estrada dentro do erval que cortam a estrada maior); *tape-poi* (trilhos que partem dos tapê-hacienda); *uru* (encarregado, barbaquazeiro); *ykuá* (cacimba), entre muitos outros relativos aos ervais. Esse último termo é descrito por Serejo na obra *Textos Esparsos e Glossário*, de maneira poética e forte, e por si só talvez fosse capaz de sintetizar toda a força, coragem, dores e sofrimentos das quais foram protagonistas essas mulheres, esses homens, toda essa gente:

*Ykuá* – cacimba. Nessa água silenciosa a mulher dos ervais, cantando ou chorando, lava a roupa grosseira impregnada do cheiro do mate. Ela, paraguaia ou brasileira, foi, com justiça, cognominada a heroína dos ervais. Muitas vieram do Paraguai mocinhas, cheias de vida, formosas e ingênuas, e velhas, e esqueléticas e enfermas se tornaram, ante a bruteza da vivência (SEREJO, Vol. 9, p. 286).

## 6. Considerações finais

Conforme podemos verificar com todo o estudo apresentado acima, a obra *Balaio de Bugre*, de Hélio Serejo, permite o olhar dos Estudos Culturais, uma vez que a cultura regional representada perpassa os limites de um espaço geográfico, fazendo-se regional/global.

Bhabha (1998, p. 57) afirma que precisamos mudar a linguagem ocular da imagem para falar de identificações ou representações seja na figura do caboclo, do campesino, do sertanejo, do ervaterio, do andarilho, do indígena, do peão, do migrante, do indígena, dentre outros, nas suas estratificações sociais/políticas/econômicas/culturais presentes na obra. Esse recurso foi usado por nós para ajudar a entender as “representações” presentes em Hélio Serejo.

Há de se desvelar a questão das representações identitárias presentes na obra de Serejo, levando a uma intervenção no espaço da enunciação, tornando a estrutura de significação e referência um processo ambivalente que destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é revelado como um código integrado, aberto, em expansão, em que tal intervenção desafia a nossa noção de identidade histórica da cultura como forma homogeneizante, unificadora, autenticada.

De posse, portanto, dessas novas concepções sobre a identidade, lançamos um olhar transcultural sobre Serejo, compreendendo em sua obra não a representação circunscrita de uma região e de um regionalismo monocromático, mas sim a dramatização histórico-ficcional das identidades em trânsito, da quebra das origens nacionais, das práticas culturais híbridas e dos costumes que se fizeram e se fazem mais pela solicitação do futuro que pelas pressões discursivas, políticas e culturais do passado. Aqui cabe voltar ao artigo de Barzotto, quando profere:

No âmbito dos estudos culturais, a literatura pós-colonial é de salutar importância, pois permite trazer à tona a questão da identidade cultural desses grupos marginalizados, tanto sob a égide de um texto culturalmente marcado

quanto à guisa dos encontros culturais, coloniais e pós-coloniais, que de fato se efetivam na zona de contato de territórios amplamente híbridos, miscigenados e modificados para sempre [...] (BARZOTTO, 2009, p. 334)

Desse modo, concluímos que estudar Hélio Serejo pela perspectiva dos Estudos Culturais faz revelar um processo de formação de fatores como a globalização, o regionalismo e a identidade cultural. Enfocamos também neste trabalho alguns desses aspectos figurados na obra, com o propósito de perceber a questão da identidade, bem como a construção dela em meio à mistura de povos, de uma diversidade de indivíduos diaspóricos; a questão da fronteira e do regionalismo como um recurso propício de singularidades. Nessa mistura, nesse multiétnico, nesse plural, ocorre o cruzamento de culturas diversas que constituem uma nova identidade: a sul-mato-grossense. Hélio Serejo, em *Balaio de Bugre*, deixa registrado esse momento sociocultural pela representação literária de suas obras.

## 7. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Flávio Vasconcelos. O Conceito de Transculturização na Obra de Ángel Rama. *In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (org.) Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.* São Paulo: Boitempo, 2004, p. 87-97.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Globalização e Novas Perspectivas Comunitárias. *In: ABDALA JUNIOR, B & FANTINI, M. (orgs.) Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afroamericanos.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 61-75.

BERND, Zilé. O Elogio da Crioulidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. *In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (org.) Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.* São Paulo: Boitempo, 2004, p. 99-112.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura.* Tradução Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BARZOTTO, Leoné Astride. Violência e Resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique. *In: BONNICI, Thomas. (org.) Resistência e Intervenção nas Literaturas Pós-Coloniais.* Maringá: EDUEM, 2009.

\_\_\_\_\_. Elementos da Cor Local na Escrita de Hélio Serejo. *In: Anais do V GELCO, Dourados – MS, 2010.* (No prelo)

\_\_\_\_\_. *Interfaces Culturais: The Ventriloquist's Tale & Macunaíma.* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2008. 325 p.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik. Tradução: Adelaide Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

JOZEF, Bella. O lugar da América. *In:* JOBIM, José Luís [et. al.] (org.) **Sentidos dos Lugares.** Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 114-129.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo Cubano del Azúcar y del Tabaco.** Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

ROCCA, Pablo. Las Comarcas Culturales Latinoamericanas (discusión de una hipótesis Ángel Rama). *In:* JOBIM, José Luis *et al.* (orgs.). **Sentidos dos Lugares.** Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 152-165.

REIS, Elpídio. **Os 13 pontos de Hélio Serejo.** Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1981.

SANTILLI, Maria Aparecida. Américas da América: romances de fronteira e a singularidade cultural do Brasil. *In:* ABDALAR JUNIOR, Benjamin & SCARPELLI, Marli Fantini. **Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 285-302.

SEREJO, Hélio. **Balaio de Bugre.** Edição Especial. Tupã, SP: Cingral, 1992.

\_\_\_\_\_. **Balaio de Bugre.** Vol. II. Curitiba: Requião, sem data.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas.** Campo Grande/MS: Instituto de História e Geografia de Mato, 2008.

VIANNA, Magdala França. Crioulização e Crioulidade. *In:* FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura.** Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/UdUFF, 2005.